

JOHN LOCKE
ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

Parte 9 — (§§ 116-127)¹

§. 116. Um fato que freqüentemente tenho observado nas crianças é que tendem a maltratar qualquer pobre criatura quando as têm em seu poder. Muitas vezes, tratam muito rudemente e *atormentam* passarinhos, borboletas e outros pobres animais desse tipo que lhes caíam às mãos; e o fazem com uma espécie de prazer. Penso que isto deve ser cuidado, e se demonstrarem inclinação para qualquer *crudeldade* desse tipo, deve-se ensinar-lhes o hábito contrário, pois o costume de atormentar e matar animais irá, progressivamente, endurecer-lhes a mente, mesmo em relação aos homens; e aqueles que se comprazem com o sofrimento e a destruição das criaturas inferiores não terão tendência a ser muito compassivos ou benignos com os de sua própria espécie. Nosso costume² leva isto em conta ao excluir açougueiros dos júris de vida e morte. As crianças, desde o início, devem ser criadas tendo aversão a *matar* ou atormentar qualquer criatura viva; e devem ser ensinadas a não *estragar* ou destruir qualquer coisa, a menos que seja para proveito ou preservação de alguma outra mais nobre. Na verdade, se a preservação de toda a humanidade, na medida em que é

¹ A tradução foi iniciada na edição n.13, 1999. (N. T.)

² Na edição de 1695, tomada como base para a presente tradução, lê-se *Our Practice*. Nas cartas aos Clarkes, entretanto, Locke escrevera *Our law*. As traduções francesa e espanhola usam, respectivamente, *Notre droit anglais* e *El Derecho inglés*. No nosso caso, optamos por manter fidelidade ao texto da terceira edição, mantendo-nos na mesma linha do tradutor alemão que grafa *uns Brauch*. (N. T.)

responsabilidade de cada um, fosse convicção de todos, como de fato é obrigação de todos e verdadeiro princípio a regular nossa religião, nossa política e nossa moralidade, o mundo seria muito mais tranqüilo e tendente ao bem. Mas, para retornarmos ao que nos ocupa no momento, não posso senão enaltecer a bondade e a prudência de uma mãe que conheci e que costumava sempre satisfazer os desejos de suas filhas quando qualquer delas desejava cães, esquilos, pássaros ou coisas assim, com as quais as meninas costumam extasiar-se. Entretanto, quando os recebiam, tinham que tratá-los bem e zelar cuidadosamente para que nada lhes faltasse ou fossem maltratados. Pois, se fossem negligentes em seu cuidado, isto seria tomado como falta grave, o que geralmente confiscava-lhes a posse ou, pelo menos, não deixavam de ser severamente repreendidas. Assim, cedo eram ensinadas a ser zelosas e tendentes ao bem. E, de fato, penso que as pessoas deveriam ser acostumadas, desde o berço, a ser delicadas para com todas as criaturas sensíveis e a não estragar ou *destruir* coisa alguma.

Este deleite que encontram em *fazer dano* – refiro-me a estragar qualquer coisa, sem razão – mas, principalmente, o prazer que encontram em fazer sofrer qualquer coisa que seja capaz de tanto, não posso convencer-me de que seja outra coisa senão uma disposição estranha que nelas é introduzida, um hábito adquirido pelo costume e convivência (Conversation). As pessoas ensinam as crianças a bater e a rir-se quando causam dano aos demais ou vêem que estes sofrem. E elas têm, como confirmação, os exemplos da maioria das pessoas que as rodeiam. Quase toda a base da história, e o que dela se diz, não passa de batalhas e matanças. A honra e a glória que são concedidas aos conquistadores (que, na maior parte das vezes, são os grandes carneiros da humanidade) desencaminham ainda mais a juventude, que, através disso, chega a considerar o massacre como ocupação louvável da humanidade e a mais heróica das virtudes. Através desses passos, a crueldade inatural é plantada em nós; aquilo que a humanidade abomina, o costume reconcilia e recomenda-nos, mostrando-o como caminho para a honra. Deste modo, através do hábito e da opinião corrente, acaba por tornar-se um prazer aquilo que, em si, não é nem pode sê-lo. É preciso, pois, que esta disposição seja cuidadosamente observada e cedo remediada, a fim de substituí-la pela bondade e pela *compaixão*, estimulando inclinações contrárias e mais naturais do que aquela. Novamente, porém, através dos mesmos métodos brandos a serem aplicados às duas outras faltas antes mencionadas. Talvez não seja inoportuno acrescentar aqui uma precaução a mais, a saber, que os males ou danos ocasionados por brincadeiras, inadvertência ou ignorância, e que não sabiam tratar-se de danos ou que não foram feitos por maldade, ainda que talvez possam, ocasionalmente, ser de considerável prejuízo, não

devem ser, senão com muita brandura, absolutamente tomados em conta. Porque penso que nunca será demais inculcar que, seja qual for o comportamento indesejável de que a criança é culpada, e qualquer que seja sua conseqüência, o que importa ser considerado é unicamente a raiz de onde ele brota e o hábito que está prestes a estabelecer; e a este ponto deve dirigir-se a correção, não sofrendo a criança qualquer punição por dano que resulte de brincadeira ou inadvertência. As faltas a serem emendadas encontram-se na mente; e se são de tal sorte que a idade haverá de curá-las ou que não haverão de ocasionar hábitos molestos, deve-se deixar passar a ação presente sem qualquer animadversão, ainda que circunstâncias desagradáveis possam acompanhá-la.

§. 117. Outro modo de instilar sentimentos de humanidade e de mantê-los vivos nas crianças será acostumá-las à civilidade na linguagem e na conduta em relação às pessoas inferiores e do tipo mais ignóbil, particularmente aos servos. Não é raro observar as crianças de famílias cavalheirescas tratarem os servos da casa com palavras sobranceiras, termos de menosprezo e comportamento autoritário, como se fossem de uma outra raça e de uma espécie abaixo delas. Pouco importa se são os maus exemplos, a vantagem de fortuna ou a futilidade natural que lhes inspira esta arrogância, ela deve ser prevenida ou ceifada e substituída por uma conduta gentil, cortês e afável em relação aos homens de posição inferior. Nada de sua superioridade perder-se-á por isto, senão que a distinção será aumentada e sua autoridade reforçada na medida em que o afeto dos inferiores for acrescentado ao respeito exterior e a estima da pessoa contiver uma parte de sua submissão. Os criados prestarão seus serviços mais prontamente e com maior entusiasmo quando não se virem desdenhados em virtude da fortuna tê-los colocado abaixo do nível dos outros, aos pés de seus senhores. Não deve ser consentido que a disparidade nas condições exteriores seja motivo de as crianças perderem o respeito pela natureza humana. Quanto mais tenham, tanto mais devem ser ensinadas a ser bondosas e mais compassivas e gentis em relação àqueles seus irmãos que estão colocados abaixo e que têm porções mais exíguas. Se, desde o berço, se lhes concede tratar mal e asperamente aos homens, por julgarem que, em virtude dos títulos de seus pais, têm alguma autoridade sobre eles, isto será, pelo menos, falta de educação; e, se não houver cuidado, nutrirá seu orgulho natural, transformando-o pouco a pouco em menosprezo habitual por aqueles que lhes estão abaixo. E onde, provavelmente, isto acabará, senão em opressão e crueldade?

§. 118. A curiosidade nas crianças (que antes tive ocasião de mencionar, no §. 108) não é mais que o apetite pelo conhecimento e, portanto, deve ser estimulada, não só como um bom sinal, mas como o

grande instrumento proporcionado pela natureza para remover a ignorância com que nasceram e que, sem esta *interrogatividade* operante, torna-las-á criaturas maçantes e inúteis. Os meios de estimular essa característica infantil e mantê-la ativa e operante supponho que sejam os seguintes:

1. Não inibir ou desaprovar quaisquer *perguntas* que faça nem tolerar que zombem dela, mas *responder* a todas as suas *questões* e *explicar* os assuntos que deseja conhecer, de modo a torná-los inteligíveis e adequados à capacidade de sua idade e conhecimento. Não confundir-lhe, entretanto, o entendimento com explicações ou noções que o ultrapassem, ou com uma variedade ou quantidade de coisas que não sejam relacionadas com seu propósito presente. Fixai-vos naquilo que sua mente objetiva com a *questão* e não no que as palavras expressam. E, quando a tiverdes informado e satisfeito, vereis o quanto seus pensamentos alargar-se-ão e como, através de respostas adequadas, pode ser conduzida mais longe do que talvez pudésseis imaginar. Pois o conhecimento é gratificante para o entendimento, como a luz para os olhos; as crianças satisfazem-se e deleitam-se sobremodo com ele, especialmente se vêem que suas perguntas são tomadas em conta e que seu desejo de conhecer é encorajado e distinguido. Ademais, não duvido que uma importante razão pela qual muitas crianças abandonam-se completamente a esportes frívolos e malgastam todo o seu tempo insipidamente, é porque viram sua *curiosidade* entravada e suas perguntas negligenciadas. Tivessem sido, no entanto, tratadas com mais ternura e respeito, e fossem suas *questões*, como deveriam ser, respondidas de modo a satisfazê-las, não duvido que tivessem mais prazer em aprender e melhorar seus conhecimentos – no que ainda haveria novidade e variedade, que é o que as deleita – do que em retornar sempre outra vez aos mesmos jogos e brinquedos.

§. 119. 2. A este responder seriamente suas *questões* e informar seu entendimento naquilo que desejam, como se fosse um assunto que assim necessitasse, deveriam ser adicionados alguns modos peculiares de *distinção*. Deixai que, diante de outros que elas estimam, seja contado do conhecimento que elas possuem sobre tais ou quais coisas; e como somos todos, desde o berço, criaturas fúteis e orgulhosas, deixai que sua futilidade seja adulada mediante coisas que as tornem melhores, e seu orgulho levá-las a fazer algo que pode reverter em vantagem delas. À base desse princípio, vereis que não pode haver maior estímulo para alcançar o que desejais que o mais velho aprenda, e que ele próprio saiba, do que colocá-lo a *ensinar* a suas irmãs e *irmãos mais moços*.

§. 120. 3. Do mesmo modo como as perguntas dos filhos não devem ser negligenciadas, também há que se tomar grande cuidado para que nunca recebam respostas enganosas e elusivas. Eles facilmente percebem

quando são negligenciados ou enganados, e rapidamente aprendem o ardil da negligência, da dissimulação e da falsidade, do qual observam outros fazerem uso. Não devemos transgredir a verdade em qualquer conversação, menos ainda com os filhos, pois, se jogamos falso com eles, não apenas frustramos suas expectativas e impedimos seu conhecimento, mas corrompemo-lhes a inocência e lhes ensinamos o pior dos vícios. Eles são viajantes recém-chegados num país estranho, do qual nada sabem. Devemos, portanto, certificar-nos de não extraviá-los. Embora suas *questões* pareçam, às vezes, não muito significativas, devem ser respondidas com seriedade. Pois ainda que a nós (para quem são há muito conhecidas) apresentem-se como *indagações* que não valeriam a pena ser feitas, são momentosas para quem tudo ignora. As crianças são estranhas a tudo que nos é familiar, e todas as coisas com as quais se deparam são, inicialmente, desconhecidas, como eram para nós. Felizes os que encontram pessoas corteses, que condescendem com sua ignorância e ajudam-nas a sair dela.

Fôssemos, vós e eu, levados ao *Japão*, com toda nossa prudência e conhecimento, o amor próprio que talvez nos predispõe a negligenciar os pensamentos e *perguntas* dos filhos, fôssemos, repito, levados ao *Japão*, perguntaríamos, sem dúvida (se quiséssemos informar-nos do que há a conhecer), milhares de questões que, para um *japonês* desdenhoso e desatencioso, pareceriam deveras insignificantes e impertinentes. Para nós, no entanto, seriam muito significativas, e haveria de ser importante vê-las respondidas; ademais, ficaríamos felizes por encontrar um homem tão obsequioso e cortês a ponto de satisfazer nossas demandas e instruir nossa ignorância.

Quando algo novo se lhes apresenta, as crianças normalmente fazem a pergunta comum de um estrangeiro: *O que é isto?* Através dela, não costumam querer saber mais que o nome; portanto, dizer-lhes como se chama é, normalmente, a resposta adequada a esta pergunta. A questão seguinte, normalmente, é: *Para que serve isto?* A esta, deve-se responder franca e diretamente; deve-se dizer a utilidade da coisa e explicar a forma como ela serve a tal finalidade, na medida em que sua capacidade possa compreender. E há que ser do mesmo modo em quaisquer outras circunstâncias sobre as quais perguntem, não as deixando retirar-se até que lhes tenhais oferecido todas as explicações que são capazes de compreender, levando-as, através de vossas respostas, a outras perguntas. E talvez uma conversa assim não seja de todo insignificante, como podíamos supor, mesmo para um homem maduro. As sugestões espontâneas e imprevistas de crianças investigadoras, de fato, freqüentemente oferecem coisas que podem fazer trabalhar os pensamentos de um homem reflexivo. Ademais, penso que, muitas vezes, há mais a ser aprendido das questões

inesperadas de uma criança do que dos discursos dos homens que falam indiscriminadamente, de acordo com noções que tomaram emprestadas e com preconceitos de sua educação.

§. 121. Talvez não seja impróprio, em algumas ocasiões, excitar-lhes a curiosidade, apresentando-lhes coisas novas e estranhas, a fim de provocar-lhes a investigação e proporcionar-lhes ocasião para informarem-se a respeito delas. E, se porventura a curiosidade levá-las a perguntar algo que não devam saber, será muito melhor dizer-lhes claramente que é alguma coisa que não lhes diz respeito saber do que escapar através de uma inverdade ou de uma resposta frívola.

§. 122. A *petulância*, que por vezes se manifesta tão cedo, procede de um princípio que raramente acompanha uma boa constituição do corpo e dificilmente leva a um sólido juízo da mente. Se fosse desejável fazer da criança um falante mais vivaz, penso que seria possível encontrar caminhos para torná-la tal. Suponho, entretanto, que um pai sábio prefira que seu filho seja útil e capaz quando adulto, a boa companhia e diversão dos outros, enquanto criança. Considerando-se assim, penso poder afirmar que não há tanto prazer em ver um filho tagarelar graciosamente quanto em vê-lo raciocinar corretamente. Estimulai, portanto, o quanto puderdes, sua interrogatividade, satisfazendo-lhe os anseios e informando-lhe o julgamento o quanto possível. Quando suas explicações forem de algum modo admissíveis, deixai-o receber o reconhecimento e a distinção devidos. E, quando forem bem desordenadas, fazei com que sejam corrigidos com delicadeza, sem que se lhes riam pelo erro. E, se mostra expediência para raciocinar sobre as coisas que se lhe oferecem, zelai o máximo possível para que ninguém lhe iniba esta inclinação, nem a extravie, através de modos falaciosos ou capciosos de falar com ele. Pois, ao fim e ao cabo, sendo esta a mais alta e mais importante faculdade de nossas mentes, merece o máximo cuidado e atenção em cultivá-la. O exercício e o desenvolvimento correto de nossa razão é a perfeição mais alta que um homem pode alcançar nesta vida.

§. 123. Em contrário a esta disposição interrogativa e operante, observa-se algumas vezes nas crianças uma *distração apática*, uma falta de preocupação com qualquer coisa e uma espécie de *frivolidade*, até mesmo em relação a suas obrigações. Considero esta disposição à *ociosidade* como uma das piores qualidades que podem manifestar-se numa criança, bem como uma das mais difíceis de serem curadas, quando é uma disposição natural. Mas, como é possível haver confusão em alguns casos, deve-se tomar cuidado para fazer um julgamento adequado quanto àquela *frivolidade* em relação aos estudos ou às obrigações, o que algumas vezes podemos lastimar num filho. À primeira suspeita de que o filho é de

temperamento *ocioso*, o pai deve observar cuidadosamente se ele é *apático* e *indiferente* em todas as suas ações ou se apenas em algumas coisas ele é lento e indolente, mas em outras vigoroso e entusiástico. Pois, ainda que o pai perceba que ele de fato é desleixado nos livros e deixe perder-se desidiosamente uma boa parte do tempo que passa no quarto ou no estudo, não pode concluir imediatamente que isso deriva de uma disposição à *ociosidade* em seu temperamento. Pode ser infantilidade e por preferir aos estudos alguma coisa que absorva seus pensamentos. E talvez deteste os livros, como é natural, porque lhes são forçados como obrigação. Para sabê-lo perfeitamente, deveis observá-lo em seus brinquedos, quando, não estando no lugar, nem sendo hora do estudo, segue suas próprias inclinações; deveis ver, aí, se é fervoroso e ativo, se ambiciona alguma coisa e a persegue com esforço e entusiasmo até realizar o que intencionou, ou se *preguiçosa e apaticamente desperdiça seu tempo a devanear*. Se esta mandriice ocorrer unicamente quando está aos livros, penso que pode ser facilmente curada. Se for de seu temperamento, requererá um pouco mais de sofrimentos e de atenção para remediá-la.

§. 124. Se ficardes satisfeitos por seu ardor nas brincadeiras ou em qualquer outra coisa a que aplique sua mente nos intervalos entre as horas das obrigações, é que ele não é em si predisposto à *preguiça*, senão que apenas a falta de gosto pelos livros torna-o *indolente* e negligente em aplicar-se a eles. O primeiro passo é tentar falar-lhe delicadamente do absurdo e da inconveniência disto, visto que perde uma boa parte do seu tempo, a qual ele poderia dedicar a suas diversões. Certificai-vos, porém, de falar calma e delicadamente, e não falar muito na primeira vez, mas apenas apresentar brevemente estas razões simples. Se isso der bom resultado, tereis conquistado o ponto do modo mais desejável, que é aquele das razões e da delicadeza. Se esse esforço mais brando não der resultado, procurai envergonhá-lo, rindo dele por isto, perguntando-lhe todos os dias quando vem à mesa – se não houver estranhos presentes – quanto tempo dedicou naquele dia a suas obrigações. E, se ele não as desempenhou num tempo que bem se poderia supor concluí-las, expõe-o ao ridículo, sem, no entanto, mesclar qualquer censura; apenas tratai-o com frieza e mantende-vos assim até que se emende; e fazei com que a mãe, o tutor e todos que o cercam também procedam do mesmo modo. Se isto não operar o efeito que desejais, então, dizei-lhe que ele não será mais atormentado por um tutor a cuidar de sua educação, que não vos encarregareis de fazê-lo perder seu tempo desidiosamente com o tutor. Visto que ele prefere isto ou aquilo (qualquer brinquedo que o deleite) a seus livros, apenas isso ele fará. Desde então, ponde-o a operar arduamente em sua brincadeira preferida, e mantende-o constante e arduamente nela, pela manhã e pela tarde, até

que esteja completamente farto e queira, a qualquer custo, trocá-la novamente por algumas horas aos livros. Quando, porém, atribuídes a ele como tarefa a sua brincadeira, deveis estar certos de cuidá-lo por vossa própria conta ou designar para fazê-lo alguém que possa vê-lo constantemente dedicado a ela, não lhe sendo permitido também nisto ser ocioso. Repito, cuidai-o vós mesmos, porque vale a pena o pai, quaisquer que sejam suas ocupações, consagrar dois ou três dias ao filho para curar um mal tão grave quanto a *ociosidade* em suas obrigações.

§. 125. Isto é o que proponho, se a *desídia* não for do seu temperamento geral, mas uma aversão peculiar ou adquirida ao aprender, que deveis cuidadosamente examinar e distinguir. Mas ainda que tenhais vossos olhos sobre ele, a fim de observar o que ele faz do tempo que tem a sua disposição, não deveis deixar que ele perceba que vós, ou outra pessoa qualquer, o mantém sob observação. Isto pode impedi-lo de seguir a própria inclinação, da qual está impregnado; e, em virtude do temor de vós, não ousando fazer aquilo para o que estão direcionados o seu coração e a sua cabeça, pode negligenciar todas as outras coisas pelas quais não sente prazer e, assim, pode parecer desidioso e apático, quando, na verdade, não se trata senão de estar atento àquilo que o temor de vosso olhar ou conhecimento o impede de fazer. Para ser claro neste ponto, a observação deve ser feita quando estiverdes ausente e ele não estiver tão restringido pela suspeita de que alguém o tem sob as vistas. Nestas ocasiões de perfeita liberdade, encarregai alguém em quem possais confiar de ver como ele gasta o tempo, se ainda o dissipa inativamente quando não há qualquer checagem e ele pode entregar-se a sua própria inclinação. Deste modo, através da maneira como emprega tais momentos de liberdade, podereis facilmente discernir se o que o faz *desperdiçar* o tempo de estudo é uma *apatia* do temperamento ou uma aversão aos livros.

§. 126. Se algum defeito de sua constituição causou-lhe uma adinamia na mente e ele for naturalmente apático e sonhador, esta disposição nada promissora não é das mais fáceis de manejar, pois fazendo-se acompanhar, freqüentemente, de uma despreocupação pelo futuro, carece dos dois grandes propulsores da ação: a previsão e o desejo. A questão será como implantá-los e desenvolvê-los, onde a natureza proporcionou um temperamento contrário e frio. Tão logo estejais convencido de que este é o caso, deveis investigar cuidadosamente se não há algo que o deleite. Informai-vos sobre o que lhe agrada mais. E, se puderdes encontrar alguma tendência particular que sua mente tenha, desenvolvi-a o quanto puderdes e utilizai-a para colocá-lo a trabalhar, para exercitar-lhe a laboriosidade. Se ama os elogios, os jogos ou os trajes finos, etc; ou, por outro lado, se teme os sofrimentos, a desgraça ou vosso desagrado, etc; enfim, seja o que for

que ele mais ama, exceto a mandriice (pois esta jamais o porá a trabalhar), fazei que seja utilizado para acelerá-lo e fazê-lo estimular-se. No caso do temperamento apático, não tendes porque temer (como nos demais casos) o excesso de um apetite gerado por excitá-lo. Isto é o que quereis e, portanto, deveis operar a fim de criá-lo e desenvolvê-lo, pois onde não há o desejo, não haverá atividade.

§. 127. Se através desses meios não obtiverdes domínio suficiente sobre vosso filho, a fim de infundir-lhe vigor e atividade, deveis empregá-lo em algum trabalho braçal constante, através do qual ele possa adquirir o hábito de fazer alguma coisa. Fazê-lo manter-se rigorosamente em algum estudo seria a melhor maneira de habituá-lo a aplicar e exercitar a mente; entretanto, como se trata de uma atenção invisível, na qual ninguém pode afirmar se ele está sendo desidioso ou não, deveis encontrar ocupações braçais, nas quais ele deve ser mantido e constantemente ocupado. E, se elas têm em si alguma aspereza e o envergonham, pode não ser um mal, pois podem fatigá-lo mais rapidamente e fazê-lo desejar retornar aos livros. Certificai-vos, porém, quando trocades seus livros por outro trabalho, de impor-lhe uma tarefa a ser desempenhada num certo tempo, a fim de não permitir-lhe qualquer oportunidade de ser desidioso. Somente depois de o terdes levado, por esses métodos, a ser atento e laborioso aos livros, podereis conceder-lhe, como prêmio por haver concluído seus estudos no tempo estabelecido, algum alívio do outro trabalho, o qual deveis diminuir à medida que perceberdes que ele se vai tornando mais constante em sua aplicação; finalmente, podereis suprimi-lo completamente, quando sua *ociosidade* em relação aos livros estiver curada.

Avelino da Rosa Oliveira e Gomercindo Ghiggi são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com vários trabalhos de parceria, publicaram em co-autoria "*Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa*", em Cadernos de Educação, n.4 e o livro "*O conceito de disciplina em John Locke*", pela EDIPUCRS, em 1995. Ambos são mestres em Filosofia (PUCRS) e doutores em Educação (UFRGS).

E-mails: avelino.oliveira@ufpel.edu.br
gghiggi@terra.com.br

Texto recebido em dezembro/2003